Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário de Minas Class.: 07

Data: 25.09.82 Pg.:

Índios Karitanos conhecem planta anticoncepcional

"Os índios Karitanos, de Rodônia, conhecem e utilizam, sob forma de chás, dois grupos de plantas, sendo que um deles tem efeito anticoncepcional e, o outro, de fertilizante". A revelação é do Prof. Edson Saraiva Neves, do Hospital de Doenças Tropicais de Porto Velho, que se encontra em Campos do Jordão participando do Congresso Nacional sobre Essências Nativas, onde apresentou trabalho sobre a utilização de plantas medicinais na saúde pública.

Saraiva Neves, que vem realizando pesquisas naquela região, informou que o primeiro desses grupos de plantas chama-se Gopiquiróropo e é utilizado como inibidor da ovulação "funcionando como um anticoncepcional definitivo". "Já o segundo - disse Neves - chamado Gopequeteco, funciona como um antídoto do primeiro e as índias o tomam quando querem voltar a engravidar. Aliás, as nossas pesquisas sobre o assunto começaram quando chegamos na região e descobrimos que as mulheres brancas que não conseguiam engravidar tomavam um chá chamado "chá do Barabadá", que é o Pajé da tribo, e se tornavam fertéis. De brincadeira, as crianças nascidas depois desse tratamento, são chamadas, na região, de "filhos da planta".

A mesma tribo, segundo Saraiva Neves, conhece também uma planta chamada Coçoráquinha, "que tem o requinte de sensibilizar a mulher a só ter filhos do sexo feminino". As pesquisas do professor, que conta inclusive com um Banco de Dados de Plantas Medicinais onde já foram coletadas e catalogadas cerca de 200 espécies, deverão se prolongar pelo menos até 1984, quando então se poderá ter certeza sobre os efeitos reais desses chás indígenas.

O Trabalho de Edson Saraiva Neves e sua equipe no campo da utilização de plantas medicinais em saúde pública, segundo ele, ainda é incipiente e evolui lentamente. "Entretanto - ressalta - trata-se de um trabalho que já tem sua importância, sobretudo no campo cultural, pois com ele pretendemos não deixar morrer a memória popular e a memória das tribos. Para isto, já contamos inclusive com o Banco de Dados e estamos formando um horto de plantas medicinais e um laboratório de farmacologia".

Por outro lado, ele ressalta que essas pesquisas são dificultadas pela regulamentação legal da matéria. "Hoje - disse - vivemos sob uma legislação internacional que é castrativa para os países subdesenvolvidos. Embora reconheçamos os aspectos éticos embutidos nessa legislação, ela é colonialista".

Para ele, um País como o Brasil, ante essa legislação, não terá condições "de explorar seus recursos naturais no campo dos medicamentos naturais". A sua sugestão, no sentido de que possamos utilizar essas plantas medicinais na saúde pública, seria de "basear-se no exemplo do que é feito na China, onde se usa o próprio extrato total da planta, sem a necessidade de laboratórios para a síntese desse extrato, ou a utilização pura e simples do princípio ativo da planta".

Finalizando, Saraiva Neves citou plantas cujos efeitos medicinais estão sendo estudados, como a Guajiru, utilizada como uma espécie de panacéia na região e que, dentre outras finalidades, é empregada contra a "Anemia Braba" (Leucemia) e que teria propriedades anticancerígenas; a Pedra Ume Caá utilizada no tratamento do diabetes; a Carapanauba, contra úceras; e a Azeitoneira, que reduz a concentração de colesterol no organismo.